



LIVRO 2

# DIVIDIR E CONQUISTAR

CARRIE RYAN

Tradução  
FLÁVIA SOUTO MAIOR

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2012 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,  
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da  
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Divide and Conquer

CAPA Sammy Yuen e Kestein Geise

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Sammy Yuen

PREPARAÇÃO Rafael Rodrigues

REVISÃO Juliane Kaori e Gabriela Ubrig Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ryan, Carrie

Infinity ring — Livro 2 : Dividir e conquistar/ Carrie Ryan ;  
tradução Flávia Souto Maior. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.  
— (Série Infinity ring ; 2)

Título original: Divide and Conquer.

ISBN 978-85-65765-17-6

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

---

13-05477

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

## Cidade saqueada

SERA ABRIU OS OLHOS. Ela estava olhando para o mesmo muro que encarava antes de fechá-los, poucos segundos atrás. Sentia um aperto no estômago de tanta ansiedade.

— Isso não pode estar certo — murmurou.

Ela baixou os olhos para o Anel do Infinito e o segurou com tanta força entre os dedos que as pontas ficaram brancas.

— Eu coloquei os dados corretamente.

Apenas alguns segundos antes eles estavam na Paris de 1792, e ela havia sentido aquela contração na pele, à qual ainda não estava acostumada. Era a compressão do tempo e do espaço ao seu redor, enquanto viajava de uma época para a outra. E deveria tê-la levado, junto com Dak e Riq, para 885.

Ainda assim, ali estavam eles, olhando para o mesmo muro idiota.

— Isso é tão legal! — O melhor amigo dela, Dak, estava ao seu lado, passando as mãos sobre as pedras irregulares com o olhar hipnotizado. Aparentemente, ele não tinha passado tempo suficiente admirando-as antes de tentarem viajar no tempo. Aquilo certamente o manteria ocupado por alguns momentos. Afinal, Dak podia facilmente ficar empolgado com algo tão sem graça quanto um muro, pelo simples fato de ser histórico — e, ali, *tudo* era histórico.

Ela se virou para Riq. Não o conhecia muito bem, e odiava a ideia de que ele a considerasse incompetente.

— Desculpe. Não sei bem o que deu errado. Isso deveria levar apenas um segundo — ela disse a ele, repassando na cabeça as complicadas equações matemáticas para encontrar o erro. Riq deu de ombros, como se ir parar no lugar e na época errados fosse algo normal, e não uma catástrofe absoluta.

— Sério. Devemos estar lidando com algum aspecto variável oculto do entrelaçamento quântico.

Enquanto passava os dedos sobre os controles do Anel, Sera sentiu que falava de forma um pouco descontrolada, explicando meticulosamente as teorias científicas por trás da viagem no espaço-tempo. Ela tentava ficar calada, mas não conseguia. Quando ficava nervosa, falava sem parar.

Riq manteve o foco no muro, franzindo a testa.

— Eu poderia jurar que isso não estava aqui antes — ele disse, passando os dedos sobre uma série de arranhões no muro.

— Vejam! Deve ter milhares desses! — Dak tinha encon-

trado um monte de apoios para os pés, e conseguiu escalar até o topo do muro. Ele estava olhando para alguma coisa ao longe. Depois olhou para baixo, onde estava Sera, com o corpo inteiro vibrando de empolgação, como quando (foi mesmo há apenas alguns dias?) os dois fizeram uma visita ao Museu Smithsonian com a turma da escola.

O passeio não havia acabado bem — houve um terremoto e eles quase foram esmagados por um barco viking que estava em exposição. Só de pensar, Sera tinha uma leve sensação de desconforto.

— Dak, acho melhor você descer — ela gritou. — Não tenho certeza se...

— Agache! — Riq berrou, interrompendo Sera.

Por uma fração de segundo Dak pareceu confuso, mas logo obedeceu, abaixando-se no alto do muro. Então uma tempestade de pedras e escombros caiu do céu, chovendo em volta deles. A muralha estremeceu com o impacto.

Sera apertou o Anel do Infinito junto à barriga para protegê-lo, enquanto Riq se lançava para a frente, jogando-se em cima dela. Provavelmente não era o melhor momento para perceber que nenhum deles tomava banho há dias, e o cheiro comprovava.

Então Sera se deu conta de outra coisa. As flechas cortando o ar à sua volta eram uma boa pista, mas foi só quando ela realmente assimilou os arredores que todos os pensamentos sobre entrelaçamento quântico abandonaram sua cabeça. A viagem no tempo não tinha falhado, afinal.

Onde antes estavam os elegantes arcobotantes da catedral de Notre Dame e suas janelas que formavam desenhos complicados, agora havia a estrutura pesada e sem graça de uma igreja, com paredes lisas e grossas. Um palácio ainda ocupava a extremidade oeste da Île de la Cité, mas não dominava mais a ponta da ilha com suas torres impressionantes e fachadas elaboradas. Tudo estava diferente do que havia sido um minuto antes, desde a largura das ruas até a construção irregular dos prédios e o barulho de homens correndo para encontrar abrigo. Agora que observava a fundo, Sera notou que até o muro que Dak tinha escalado estava diferente. Enquanto em 1792 eles haviam se refugiado no meio de uma antiga ruína, agora a muralha estava forte e segura, com vários metros de altura e certamente circundando grande parte da ilha.

*Os gênios não enxergam o óbvio, pensou Sera. Isso certamente não é 1792.*

Ondas e mais ondas de flechas e pedras caíram no chão e bateram nas construções próximas. Sera ficou pensando se em algum momento aquilo acabaria. Quando os três concordaram em viajar no tempo para corrigir as Fraturas na história, ela não tinha a menor noção dos perigos em que estavam se metendo.

Até então, as viagens no tempo tinham proporcionado um perigo mortal atrás do outro. Começando pela primeira viagem de todas, quando Dak e Sera viajaram com os pais de Dak para testar o Anel do Infinito novinho em folha. Eles foram parar no meio de uma batalha da Guerra de Independência

dos Estados Unidos, com homens uniformizados correndo na direção deles segurando armas e baionetas engatilhadas. Por pouco não acabaram todos mortos. E, para piorar a situação, os garotos foram separados dos pais de Dak no processo.

Sera não tinha vergonha de admitir: estava assustada. Ela e Dak tinham apenas onze anos, e Riq não era muito mais velho, então ter o destino do mundo nas mãos era *um pouco* desesperador.

Quando os pedregulhos pararam de cair e Riq se afastou, ela notou que ele também estava um pouco trêmulo. Pelo menos ela não era a única.

E é claro que, em seguida, Dak gritou de cima de seu posto:

— Foi demais!

— Como você sabia que ele precisava agachar? — Sera perguntou a Riq. Tenha Dak percebido ou não, o aviso provavelmente salvara a vida dele.

Riq apontou para a parede.

— A imagem arranhada na parede... HX. *Agá Xis. Agache.* Viajar até este lugar e dar de cara exatamente com isso... Imaginei que pudesse ser algum tipo de mensagem para nós, e não quis correr o risco de ignorar.

Sera deu um passo à frente e apertou os olhos na direção do desenho malfeito. Então viu uma coisa que fez seus pulmões se apertarem.

— *Era* uma mensagem para nós — ela disse, passando os dedos sobre dois números: 34 e 88. — Esse é um código para

o meu nome. Trinta e quatro é o número na tabela periódica para o elemento selênio. E oitenta e oito, para o rádio. A abreviação deles é Se e Ra: *Sera*. — Ela se contorceu um pouco. — Sei que isso me faz parecer uma completa nerd.

— Não — Riq respondeu com um sorriso. — Você está falando com um cara cuja ideia de diversão é investigar a etimologia de palavras obscuras. Acho bem legal você ter pensado nisso.

Sera limpou a garganta, sem saber muito bem como responder. Não estava acostumada com aquele tipo de elogio.

— De qualquer modo, sempre foi uma piada interna minha com Dak, mas os pais dele também sabiam. Será que eles deixaram isso para nós? Quanto tempo tem essa muralha?

Só então Dak saltou os últimos metros até o chão, caindo entre eles.

— Gente! — Seus olhos estavam brilhando de empolgação. — Vocês não vão acreditar. Todo o Sena está repleto deles, até onde consegui ver! É como uma grande massa. Não dá nem para ver a água. Eles estão por toda a parte!

Sera não conseguiu evitar um sorriso. Ela era a melhor amiga de Dak desde sempre, e sabia que ele estava esperando que ela fizesse a pergunta inevitável:

— *O que está em toda parte?*

O sorriso dele aumentou.

— Vikings! Deve ter uns setecentos navios ali, talvez mais, se contar os barquetes, que são os barcos menores — ele explicou a última parte para Riq.



O garoto mais velho deu um sorriso forçado para Dak.

— Obrigado, eu entendi. Sou linguista, lembra? Meu vocabulário é bom.

Dak o ignorou.

— Isso é incrível! Sempre existiram debates sobre o número de barcos que os vikings usaram para atacar Paris. Alguns estudiosos disseram que eles estavam espalhados por duas léguas, mas outros argumentaram que não eram tantos com base na aplicação do espaço operacional e um...

— Dak, foco. — Sera revirou os olhos, mas não com maldade. Ela estava acostumada a aguentar essas viagens dele sobre detalhes históricos obscuros. E, para ser sincera, ela meio que gostava porque eram tão, bem... tão a cara de Dak.

Ele alternou o olhar entre ela e Riq.

— De acordo com os livros de história, existem trinta e três mil vikings do outro lado daquele muro, preparando-se para o grande cerco de Paris!

Sera sentiu algo se afundar dentro dela, mas foi Riq que verbalizou o que ela estava sentindo.

— Por acaso os livros de história dão uma data para esse saque?

Dak confirmou vigorosamente com a cabeça.

— Vinte e cinco de novembro de 885.

Sera respirou fundo.

— É... amanhã — ela disse.

Mas Dak ainda não tinha terminado.

— Embora alguns historiadores considerem 24 de novem-

bro, com base no relato de um dos monges que viviam dentro da cidade fortificada...

Riq olhou para Sera e eles compartilhavam a mesma expressão. Mas antes que um deles pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se um grande sopro de trompas de batalha vindo do outro lado da muralha, e o urro de trinta mil homens gritando ao mesmo tempo. O chão tremia com a força de tantos pés batendo, conforme a enorme horda de vikings corria na direção da cidade.

Dak parecia extremamente preocupado.

— Hum. — Seu rosto se contraiu de tanta concentração.

— Acho que foi no dia 24, afinal. Mal posso esperar até voltarmos para que eu possa corrigir os...

— Dak! — Sera gritou. — Os vikings estão saqueando Paris e nós estamos *dentro* da cidade! Eles estão prestes a atacar *a gente!*

## Coisas de matemática

DAK NÃO ENTENDEU MUITO BEM por que Sera entrara em pânico daquele jeito. Afinal, havia um muro *e* um rio entre a horda de vikings que se aproximava e eles. Enquanto a Paris de 1792 que eles haviam deixado para trás se estendia até o interior, a Paris em que haviam chegado não passava muito de uma fortaleza em uma ilha no meio do rio Sena. Tudo bem que a muralha de pedra que contornava a ilha já tinha uns quatrocentos anos e estava se desfazendo em certos pontos, mas ainda dava a eles *alguma* proteção.

Além disso, se ele conhecia bem a história (e ele sempre conhecia), a invasão não aconteceria de fato até os líderes de cada lado se encontrarem para discutir os termos da rendição de Paris. Infelizmente para o povo de Paris, a rendição não seria suficiente para impedir que os vikings roubassem mantimentos e incendiassem grande parte da ilha — era isso que

vikings faziam. E, certo, pensou Dak, eles provavelmente não deveriam ficar por ali depois disso. Mas ainda tinham tempo para explorar a área e descobrir a Fratura antes de se preocuparem.

Mesmo assim, não seria nada bom se fossem atingidos por uma flecha perdida, e o desespero de Sera era notável, então deixou que ela arrastasse Riq e ele para o abrigo mais próximo, uma casa vazia aninhada entre duas padarias. O ar lá dentro cheirava a fermento e manteiga, e a poeira cobria quase todas as superfícies, fazendo cintilar a pouca luz que entrava pelas frestas do telhado. O espaço era estreito, e eles abriram caminho entre pilares de madeira até o fundo do abrigo. Assim que conseguiram cobertura, outra onda de flechas e pedras voou sobre a muralha, chovendo do lado de fora.

Felizmente, parecia que todos haviam tido a mesma ideia que eles e encontrado um lugar seguro para se esconder. Paris parecia uma cidade fantasma. Exceto pelo barulho. Mesmo dentro do minúsculo barraco, o barulho de tantos vikings correndo na direção da ilha era extremamente alto. Isso fez Dak se lembrar de quando foi aos jogos bienais da SQ com seus pais, e do estrondo das multidões na torcida. Só que essa multidão era provavelmente mais letal do que alguns milhares de torcedores.

Agora que estavam livres de todos os escombros que caíam, Sera tirou o SQuare da bolsa. Um tablet dado a eles pelos Guardiões da História: essa era a única conexão que restara

com o futuro de onde, ou melhor, de *quando* eles vieram. Ele notou que as mãos dela estavam ligeiramente trêmulas enquanto digitava a senha para acessar os arquivos.

— Certo, garoto prodígio — Riq disse a Dak, apoiando-se na parede de pedra áspera. — Você que está sempre se gabando de suas proezas históricas. Tem alguma ideia de por que estamos aqui e o que está acontecendo?

Dak deixou um sorriso satisfeito tomar conta de seu rosto.

— Olha só quem está interessado no que eu tenho a dizer. — Dak se perguntou por um instante se realmente seria muito grave empurrar Riq para a tempestade de escombros do lado de fora, mas pensou melhor quando Sera tirou os olhos do SQuare e fez cara feia para os dois.

— Falem baixo — ela sussurrou, embora Dak tivesse certeza de que o sussurro era mais alto do que seu tom de voz normal. — Ainda não falamos com ninguém daqui, o que significa que nossos dispositivos de tradução não estão ajustados para o idioma local correto.

Antes que os Guardiões da História Brint e Mari os enviassem de volta no tempo para corrigir as Grandes Fraturas, os três receberam dispositivos para colocar nos ouvidos e um pequeno aparato de encaixar sobre o dente, que traduziria qualquer coisa que dissessem. O único porém é que eles precisavam ouvir alguém primeiro, para que o aparelho soubesse qual idioma usar.

— Desculpe — Dak murmurou, mas ainda aproveitou a oportunidade para dar um sorriso amarelo para Riq. Riq era

o especialista em línguas — foram os pais dele que inventaram o dispositivo de tradução — e portanto era ele quem deveria ter pedido para ficarem quietos.

— Ah, pelo amor — Sera murmurou. Aparentemente, ela nem precisava tirar os olhos do SQuare para saber que Dak e Riq estavam se encarando e competindo para ver quem desviava o olhar primeiro. (Riq foi totalmente derrotado quando se virou para Sera.)

A tela do SQuare piscou algumas vezes.

— Você sabe se eles conseguiram carregar alguma informação sobre essa Fratura? — Sera perguntou a Riq. — Odeio a possibilidade de ficar à deriva, sem ajuda nenhuma.

Riq franziu a testa, e pela primeira vez Dak teve a impressão de que o garoto mais velho poderia admitir não ter as respostas para tudo.

— Acho que eles conseguiram colocar quase tudo aí — ele disse. — Os arquivos não estão aparecendo?

Sera negou com a cabeça.

— Só alguns. Acho que até sabermos quantos arquivos estão corrompidos, teremos que trabalhar com as informações disponíveis.

Dak se aproximou para olhar sobre seu ombro quando ela escolheu a opção de saber mais sobre a terceira Fratura.

Algumas palavras e uma longa fileira de números piscaram na tela.

Deixe um recado após o sinal:

4121732162812161 728232

744332413373433231 81636132

7121734374 71212343334323216132628132

Dak resmungou.

— Que tipo de mensagem estão esperando que a gente deixe? — Ele era bom com palavras (fatos e detalhes, especialmente os históricos). Números normalmente ficavam nadando em sua cabeça, a menos que fossem datas específicas. Na verdade, às vezes, na aula de matemática, o único jeito de conseguir lembrar as tabuadas era associá-las a uma série de eventos históricos.

Ele observava sem poder fazer nada, enquanto os olhos de Sera e Riq iam de um lado para o outro na tela. Aquela situação não tinha nada a ver com a sua ideia do cerco de Paris. Trinta mil vikings nas proximidades e ele estava preso em uma padaria com dois nerds mais interessados em coisas de matemática.

— Pode ser um código ou uma mensagem cifrada — Riq sugeriu.

— *Hummm* — Sera murmurou. — Acho que pode ser uma cifra de substituição monoalfabética, como uma cifra afim.

Até a conversa deles era chata! Enquanto os outros estavam compenetrados em sua chatice chatíssima, Dak começou a abrir caminho até a porta. Ele só queria dar uma espiada no

que estava se passando do lado de fora, ter uma noção do que estava acontecendo.

O chão já estava repleto de pedras de todos os tamanhos, algumas maiores do que sua cabeça e algumas tão grandes que poderiam ter esmagado uma vaca, caso houvesse alguma circulando por ali (felizmente, não parecia haver nenhuma).

Dak respirou fundo, deixando um sorriso cruzar seu rosto. Até onde se lembrava, ele sempre fora apaixonado por história. Ele até lia a maioria dos relatos históricos em livros impressos, e não em SQuares, porque gostava do cheiro que a história tinha.

Mas agora parecia que as palavras que ele tinha lido sempre foram secas. Elas tentaram capturar acontecimentos passados e transportá-los até a sua mente, mas agora que estava na Île de la Cité, a ilha de Paris, Dak se deu conta de que os livros não passavam de fantasmas. A realidade era muito mais legal. E tinha um cheiro mais forte, também.

Naquele exato momento, o bombardeio parou, e a balbúrdia de trompas de batalha e gritos do outro lado da muralha foram substituídos pelo som de sinos tocando na igreja. Dak observou quando o contingente de vikings começou a abrir caminho para dentro da cidade sobre uma ponte baixa de pedra que cruzava o Sena, vindo da margem norte do rio.

Dak só queria correr adiante para ter uma visão melhor, mas Sera já estava com a mão firme sobre seu ombro.



— Nem pense nisso. Temos um Guardião da História para encontrar. Venha, nos ajude a entender o que isso significa.

Ela mostrou o SQuare e Dak leu as linhas destacadas:

Para encontrar quem procura

Deve a pista remexer:

Para chegar ao Guardião da História, basta um  
Desfile indiano ver

Dak ficou olhando para as palavras, mas não tinha a mínima ideia do que significavam.

— Essa é a área do Riq... ele é o especialista nessas coisas — ele disse. — Eu sou só o fanático por história. E, como seu guia pelos acontecimentos do passado, acho que nosso tempo seria mais bem gasto escutando conversas alheias.

Ele apontou para um pequeno grupo de parisienses caminhando pela área central da cidade. Muitos eram padres, com túnicas decoradas sobre os mantos. Outros eram soldados, cujas túnicas eram menos ornadas e complementadas com cota de malha.

Dak reconhecia uma festa oficial de boas-vindas quando via uma. Os padres e soldados estavam indo ao encontro do contingente viking sobre a ponte, e Dak queria desesperadamente estar lá para presenciar a discussão. Apesar de imaginar que as coisas importantes não aconteceriam até todos estarem reunidos em algum ponto central.

— Esses são os caras que tomam as decisões por aqui — disse Dak. — O Guardião da História deve ser um deles, ou também está a caminho para onde quer que estejam indo! É onde a história vai acontecer, e é onde precisamos estar!

— Você está esquecendo que nós não parecemos parisienses — Sera argumentou.

— Bem, tecnicamente nós *estamos* vestidos como parisienses. Só que parisienses de outro século. Somos a vanguarda da moda! — Dak pegou nos babados em seu punho e mexeu as sobrancelhas.

— Dak... — O tom de voz de Sera não deixava dúvidas: ela estava se irritando.

Dak colocou a mão sobre o braço dela. Eles se conheciam há bastante tempo — desde antes de aprenderem a falar, na verdade —, mas às vezes ele não conseguia entendê-la de jeito nenhum. Aqueles vikings eram reais, verdadeiros, dignos de Thor. Como era possível não querer chegar mais perto deles?

— Confie em mim — ele disse. — Eu já dei alguma indicação errada antes? Além disso, acho que sei o que está prestes a acontecer. E pode ser crucial para nossa missão aqui.

Riq tirou os olhos do baú de madeira em que estava passando a mão do outro lado do cômodo.

Dak aproveitou para apreciar aquele momento sem distrações, e então se aprofundou na questão:

— O pequeno contingente de vikings que está entrando na cidade é liderado por Siegfried, seu líder. Bem, não sei se

*líder* é a palavra certa, já que a sociedade viking não era ordenada rigidamente como a nossa. Normalmente o poder não era tão concentrado...

Sera limpou a garganta e começou a bater o pé.

— Err, certo. Bom, pouco antes de os vikings saquearem Paris, Siegfried tem uma conversinha com o bispo, Gauzelin, e pede para ele entregar a cidade. O bispo concorda. Os parisienses pensam que está tudo certo, então ficam bem surpresos quando os vikings atacam na manhã seguinte.

Riq franziu a testa.

— Isso não parece correto — ele disse.

Dak deu de ombros.

— Os vikings não são exatamente conhecidos por serem corretos. Eles são mais do tipo que faz saques e pilhagens.

O corpo de Sera pareceu ficar um pouco tenso ao ouvir isso.

— E esse tal de Siegfried? O que acontece depois que ele toma Paris?

Dak sentiu a mesma empolgação que sempre sentia antes de contar detalhes históricos legais.

— Ele se torna um dos homens mais poderosos da França. Veja, ele acaba se estabelecendo na Normandia, região da França logo depois do canal que a separa da Inglaterra. Acontece que aquele pedaço de terra é muito importante estrategicamente: é o lugar perfeito para lançar uma invasão contra a Grã-Bretanha no século XI. O tataraneto de Siegfried, Bill Helm, o Conquistador, faz exatamente isso!

Sera e Riq ficaram olhando para a cara dele, que levou um segundo para se dar conta de que eles não haviam entendido a importância daquilo. Ele suspirou profundamente.

— Todo monarca europeu dos tempos atuais é descendente de Bill Helm, o Conquistador, também conhecido como o cara que conquistou a Inglaterra. E, é claro, isso significa...

— Ele se sentia como um professor tentando arrancar uma conclusão óbvia de seus alunos.

— Significa que todo rei e toda rainha também são descendentes de Siegfried, o viking — Sera respondeu com os olhos arregalados.

Foi Riq quem falou em voz alta o que Dak já estava pensando.

— Esse cerco envolve mais do que apenas Paris. O destino do mundo inteiro está em jogo.

Dak confirmou com a cabeça.

— E com tanto poder sendo disputado, pode apostar que a SQ já está aqui.